

## Maria Ondina

### José Manuel Mendes

Recordo sempre a tarde cinzenta em que me sentei na salinha, de frente para a estante, olhando o bairro através da janela. O odor, a quietude. E, muito em breve, bolos de canela, um chá como só ela sabia. Qualquer coisa de asa e jasmim, terra sob a chuva, claridade a azulejar. Chá escolhido para um fio de Schubert entre latas, frascos, embalagens das sete partidas, dispostos nas prateleiras com a meticulosidade dos livros. E as palavras trocadas, o ritmo da fala com que respondia, com que me interpelava. O olhar no regaço, como um gato em recolhimento, e, como um gato, súbito desperto e tudo apreendendo num instante de atenção a esse torvelinho que era a eloquência da rua. Traduzia, então, um romance para a Bertrand, *Winds of war*, se a memória me não trai. A máquina de escrever, os papéis embutidos numa das edições do Webster's, o desgosto de um trabalho pago a feijões e não sem sobressaltos.

Isto foi já depois de um primeiro encontro e dos que se sucederam à minha leitura de obras da linhagem de *A China Fica Ao Lado*, colocadas no meu bernal por mão amiga. No entanto, ao longo das horas dessa tarde que aqui

evoco, tempo suspenso, agora a estou vivendo e há um pássaro que esbarra contra a vidraça, a Maria Ondina proporcionou-me a mais precisa das imagens: requinte e frugalidade, melancolia e esmero, solidão atravessada de vozes, eventos, pulsões subtis, um pendor contemplativo, a força e o carácter de uma personalidade que, não prescindindo do seu reduto, se abria a quantos elegeisse pelo afecto ou o humanismo das convicções. Ademais, a elegância do seu modo de coloquiar, tão próxima da que nos surpreende nos romances, contos e novelas, na literatura de viagens ou de índole autobiográfica que nos legou, aquele prazer em ouvir e meditar o que dizia, uma apetência cultural à margem de preconceitos e suficiências.

Assim a conheci e admirei até que o termo da vida, já presente na doença dos últimos anos, chegou no seu roçagar insidioso, fixando o *corpus* bibliográfico que fizemos nosso também, que muitos descobrirão, momento singularíssimo das letras portuguesas na segunda metade do século XX. Na vizinhança de Irene Lisboa ou certa Maria Archer, do esplendor esteticista de Maria Judite de Carvalho, do intimismo magoado e da experiência testemunhal de Ilse Losa, da finura poética de Luísa Dacosta? Sem dúvida. Mas com traços de uma identidade nunca epigonal ou esbatível, sobretudo em *Lua de Sangue*, *A Casa Suspensa*, *A Personagem*, *Nocturno em Macau* ou *Passagem do Cabo*, porventura o mais envolvente dos textos que nos doou antes de partir. Creio que a instituição literária lhe ficou a dever elementares mecanismos de consagração, tanto no plano da recepção crítica como no das instâncias através das quais se afirma publicamente, na circunstância própria, que não é em vão o labor de quem escreve e publica. Sobre o tema conversámos algumas vezes, desde logo a propósito de quatro ou cinco ficcionistas da nossa dilecção. E caíam sombras em redor. Sombras tiritantes, sem remédio.

Certa manhã de outono, trabalhava eu no gabinete de S. Domingos à Lapa, telefonou-me, acedendo ao convite que lhe endereçara para colaborar num dos números da revista que dirijo, timbre alterado pela rouquidão e um crisar de faúlhas revoltadas, e pediu-me interviesse em defesa dos autores, carne para canhão de qualquer dos agentes que o cercam, “a começar por muito editor safado, José Manuel”, relapso no que respeita a obrigações contratuais básicas. Informei-a do que havia sido realizado pela APE: acordo com a Sociedade de Autores para intervenção específica, diligências de diversa

ordem junto das instituições públicas e das entidades por ela mencionadas. E narrou-me o episódio que acabava de viver na sequência de um dos seus títulos referenciais. O facto ocorreu num contexto anterior à *Caminho* e arrasara-a. Sentimos ambos a que ponto pode tornar-se lacerante a selva dos desestímulos, a ausência de escrúpulo, o descaso, a preterição feita ignomínia. Ora, a Maria Ondina provou, bastante para além da medida (reparo no que vai de revelador nesta fórmula), o travo da injustiça e da acerbidade.

Não oculto a mim mesmo aquilo em que dissentimos. Coisa nenhuma ao pé de uma amizade de décadas, insusceptível de ser interrompida seja pelo que seja, a morte inclusive. Por isso, em plena saudade, me congratulo com os lugares de permuta ainda por nascer. E digo. Até à próxima, minha amiga. Era ou não uma narceja o pássaro que veio ter connosco naquela tarde em que a infinitude nos cingiu à terra da lembrança?